

**Do saber ao ensinar:  
contributos teóricos para o ensino do Português Língua Estrangeira**

Isabel Margarida DUARTE  
Universidade do Porto e  
Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal  
iduarte@letras.up.pt  
ORCID 0000-0001-7908-5649

Para ensinar um língua, tenha ela o estatuto que tiver no contexto em que for ensinada, é necessário que o docente a conheça a fundo, possua um conjunto bem alicerçado de saberes sólidos sobre ela, em múltiplas áreas. Também é certo que não basta ter esses conhecimentos aprofundados para se ser capaz de ensinar bem, com eficácia. Mas, sem possuir os saberes necessários, podemos garantir que não é possível o professor ensinar adequadamente uma língua. Não se trata de obter conhecimentos teóricos seguros para os aplicar, depois, nas aulas, transpondo-os, geralmente de forma simplificada, demasiado simplificada até, mas antes de saber sempre mais e mais solidamente, porque de uma mais completa e abrangente formação teórica nascem soluções pedagógicas geralmente mais certeiras e eficientes.

Para um professor poder ensinar eficazmente uma Língua Estrangeira (LE), terá então de mobilizar um conjunto de saberes seguramente fundamentados. Uns serão, obviamente, da área das Ciências da Educação, mas hoje, depois da experiência por que passamos aquando da pandemia e do ensino remoto de emergência, alguns deverão mesmo consistir em saberes técnicos específicos, ligados às tecnologias de informação. Mas estes saberes, por mais afinados e mais atualizados que sejam, de pouco valerão se o docente não conhecer de forma competente a língua que ensina. Quer dizer: pode fornecer um *QRcode* aos estudantes, pode propor-lhes tarefas no *kahout*, pode sugerir-lhes que as respostas sejam expostas no *Padlet*, mas o exercício ou a tarefa que lhes disponibiliza têm de estar corretos, de ser bem pensados e eficazes para a sua aprendizagem ou então o recurso à tecnologia será pouco útil. A tecnologia ao serviço do

ensino da língua não serve se o docente não conhecer bem a língua, as suas variedades e as suas estruturas e regras, se não perceber como é que ela se adquire ou se aprende, com que outras línguas podemos relacioná-la e de que modo, se não conhecer a(s) cultura(s) e as literaturas do(s) país (es) em que essa língua se fala.

Neste número da revista *Orientes do Português*, reunimos um conjunto de reflexões que têm por objetivo problematizar questões teóricas com repercussões práticas no ensino de línguas estrangeiras, concretamente, neste caso, do português. Não quisemos limitar-nos a reflexões sobre o ensino e o estudo da língua propriamente dita, mas alargámos a consideração do seu ensino à cultura e à literatura, porque, como Weinrich (1983), defendemos o seu uso na aula de Língua Estrangeira.

Por meio das reflexões sobre a ideia “do saber ao ensinar” que várias especialistas fizeram e aqui apresentamos, pretendemos reforçar a capacidade de atuação consciente dos professores, como Fernanda Irene Fonseca propôs, em 2001: “No caso do professor de língua, é [essencial] assegurar a aquisição de conhecimentos e de uma capacidade de reflexão sobre a língua que ficam disponíveis para a construção individual de relações fecundas entre a teoria e a prática.” (Fonseca, 2021: 22). Algumas inspirações vieram-nos da área da Linguística Pedagógica (Hudson 2020) que visa encontrar soluções para problemas práticos e pretende ultrapassar a distinção entre linguística teórica e linguística aplicada, propondo o estabelecimento de uma relação direta entre a linguística e a prática educativa. Como continua a autora atrás citada, “É que “[...]suscitar a consciência das dimensões de aplicabilidade [dos conhecimentos] é algo muito diferente de indicar “modos de aplicação” ou dar “instruções de uso” (Fonseca, 2001: 23), remédios para um qualquer mal-estar, como se estivéssemos perante instruções para uma máquina pronta a funcionar.

Este número reúne, pois, um conjunto de artigos que problematizam a aplicabilidade de diversos campos teóricos da área da Linguística e da Literatura / Cultura ao ensino do português como língua estrangeira, que passamos a apresentar rapidamente.

No texto “Um olhar psicolinguístico para a LE, também L1, decorrente de uma abordagem plural à língua(gem) e ao pensamento”, Maria da Graça Pinto, Professora Catedrática Emérita da Universidade do Porto, olha para a aprendizagem de uma LE de um ponto de vista psicolinguístico. A autora começa por se debruçar sobre as relações entre linguagem e pensamento para, a partir dessa discussão, pensar no que se passa com a aprendizagem de línguas estrangeiras. A exigência de abstração que implica ensinar

uma língua é essencial para dela termos a distância necessária que nos permita conhecê-la e ensiná-la. O texto, de leitura exigente, incita a problematizar o ensino de uma LE, levantando questões que nem sempre são respondidas porque, como diz a autora, “talvez importe menos a resposta às perguntas deixadas do que o que possam suscitar de reflexão”. Neste caso, as perguntas deixadas são muito instigantes e motivadoras e o artigo adianta sustentação teórica para procurarmos refletir sobre elas.

Numa perspetiva que decorre da plasmada no texto anterior, o artigo de Ângela Filipe Lopes, Doutora em Ciências da Linguagem, na área da Psicolinguística e membro do Centro de Linguística da Universidade do Porto, intitulado “Ensino-aprendizagem de uma L2: uma perspetiva processual”, discute alguns conceitos centrais para o tópico, a saber, aquisição e aprendizagem, processamento procedimental ou declarativo, memória operatória ou memória de longo prazo, que contribuem para a construção permanente de uma visão ampla sobre o ensino-aprendizagem de uma L2. O seu objetivo é munir os docentes ou futuros docentes de L2 de alguns conceitos úteis da área da Psicolinguística, numa perspetiva pedagógica, problematizando-os.

Maria Aldina Marques, Professora Associada com Agregação da Universidade do Minho, enquadra a sua reflexão, “Marcas de subjetividade enunciativa e ensino de PLE”, numa outra abordagem, de tipo enunciativo. Chama a atenção para o facto de que aprender uma LE é aprender como se interage nessa língua. No artigo, a autora mostra de que modo “as categorias linguístico-discursivas pelas quais o locutor constrói a sua (inter)subjetividade podem ser aplicadas ao ensino do PLE”. Para exemplificar as suas propostas, Maria Aldina Marques analisa as formas de tratamento num conjunto de mensagens de aniversário. Através dessa análise, a autora sublinha “a importância da relação entre linguística e ensino da língua, através da relação do conceito de *subjetividade*, central na linguística do uso, e um dos mecanismos que a constroem no discurso, as formas de tratamento”.

No texto “Literatura - Competência (inter)cultural – (P)LE: revendo argumentos, encurtando distâncias entre os saberes e as práticas”, Micaela Ramon, docente também da Universidade do Minho, defende a inclusão de textos literários em aulas de LE, apesar das resistências que essa opção continua a levantar. Experiências recentes bem-sucedidas aconselham a que se encare “o texto como um instrumento privilegiado de acesso a uma dada língua-cultura”, dentro de uma abordagem intercultural cujas vantagens são incontestáveis. Tendo em conta o carácter pluricêntrico da língua portuguesa, o recurso ao

texto literário permite adquirir competências linguísticas e comunicativas mas também aceder “ao imaginário cultural das comunidades de língua oficial portuguesa”. A autora exemplifica as ideias defendidas a partir de propostas práticas de leituras de clássicos.

Veronica Manole, Professora da área do Português na Universitatea Babeş-Bolyai, em Cluj-Napoca, na Roménia, *propõe uma abordagem de ensino de LE baseada no conceito de intercompreensão românica. Com efeito, muito frequentemente, o português não é aprendido como L2 mas sim como L3, tendo os estudantes já aprendido uma outra língua românica, geralmente o espanhol. No artigo “Algumas reflexões sobre a intercompreensão românica no ensino do PLE”, depois de refletir sobre o conceito, a autora apresenta vários projetos e diversos materiais que podem ser usados no âmbito da intercompreensão românica. Também combate algumas ideias feitas sobre o tópico. Termina o seu texto com propostas práticas que advogam a integração curricular desta perspetiva, por exemplo, “a utilização de textos literários de larga difusão, dos géneros textuais com estrutura conhecida, de filmes e de séries com legendagem ou com dobragem”. As sugestões avançadas, na secção 4 do texto, para o ensino do PLE numa perspetiva de intercompreensão românica, são muito sugestivas, motivadoras e úteis.*

Por fim, em “O efeito de magneto da língua materna sobre o PLE: a morfologia e a fonologia”, Alexandra Soares Rodrigues, Professora Coordenadora do Instituto Politécnico de Bragança e investigadora da Universidade de Coimbra, tendo em conta os estudantes de Português como Língua Estrangeira, debruça-se sobre as “produções fonológicas e construções morfológicas que resultam do *efeito de magneto* da sua língua materna sobre a língua estrangeira.” Partindo da análise dessas produções (ora superavitárias ora deficitárias), a autora reflete sobre estratégias que possam ajudar os estudantes a ultrapassarem as dificuldades detetadas. As línguas maternas dos sujeitos cujas produções foram analisadas são o chinês, o japonês, o polaco, o castelhano, o turco, o lituano, o tétum e o húngaro. As sugestões de Alexandra Rodrigues visam permitir ultrapassar o efeito de magneto exercido por essas línguas maternas na aprendizagem do PLE, através da reflexão e da consicencialização dos docentes e dos discentes sobre as estruturas onde se detetam problemas.

Pensamos que a revista reúne um conjunto de contributos de grande utilidade para a formação de professores de Português como Língua Estrangeira. Em primeiro lugar, porque são contributos com uma sólida componente teórica cujo objetivo é provocar, nos professores, a reflexão, o estudo, a vontade de aprofundarem a sua formação teórica, por

vezes, quando é formação contínua, realizada de forma autodidata e solitária. Em segundo lugar, porque os artigos configuram também abordagens com muitas sugestões práticas que poderão servir de inspiração para novas experiências, para ajudar a trilhar novos caminhos no ensino da Língua Portuguesa como LE.

## **Referências**

FONSECA, Fernanda Irene (2001). «Linguística aplicada ou linguística aplicável?». In F. I. Fonseca, I. M. Duarte, O. Figueiredo (Org.). *A Linguística na Formação do Professor de Português*, 15-26. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.

WEINRICH, Harald (1983). "En torno el aburrimiento de las clases de lenguas". *Anuario De Letras Modernas*, 1: 165-183.

<https://doi.org/10.22201/ffyl.01860526p.1983.1.1052>

HUDSON, Richard (2020). "Towards a Pedagogical Linguistics". *Pedagogical Linguistics* 1: 8-33.